

MARIA JOSÉ DE REZENDE

**PROJETO DE PESQUISA
INTERFERÊNCIAS DO SUPERVISOR ESCOLAR
NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Projeto de Pesquisa apresentado
ao Curso de Pós-Graduação em
Alfabetização do Setor de Edu-
cação da Universidade Federal
do Paraná.

CURITIBA

1992

À professora Verônica Branco, pelo incentivo, apoio e compreensão, os meus sinceros agradecimentos.

Às colegas que permitiram que este trabalho fosse realizado em suas turmas, o meu "muito obrigada", desejando a elas sucesso no processo ora iniciado.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	1
CONTEXTO	2
JUSTIFICATIVA	3
FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	4
OBJETIVO	4
DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	4
LIMITAÇÕES	4
CAPÍTULO II	5
REVISÃO DE LITERATURA	6
CAPÍTULO III	11
METODOLOGIA	12
CAPÍTULO IV	13
EXECUÇÃO DO PROJETO	14
RELAÇÃO CRIANÇA X PROFESSOR	28
PROFESSORA B	28
RELAÇÃO PROFESSOR X SUPERVISOR	30
DEPOIMENTO DA PROFESSORA A	31
DEPOIMENTO DA PROFESSORA B	32
CONCLUSÃO	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	41

CAPÍTULO I

CONTEXTO

Grande tem sido a preocupação dos professores das séries iniciais do primeiro grau com o alto índice de evasão e repetência escolar. Este fato não ocorre apenas nos Brasis cujo número de analfabetos atinge 45 milhões de pessoas¹, sendo "que em cada 1.000 indivíduos que atualmente ingressam nas primeiras séries do primeiro grau, apenas 443 se matriculam na 2ª série do ano seguinte"², mas é também um problema mundial, presente, principalmente, no Terceiro Mundo.

No Estado do Paraná, um dos melhores em atendimento escolar brasileiro, a taxa de analfabetismo chega a ser preocupante.

A Escola Municipal Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, de acordo com levantamento feito pela Supervisora Escolar, em 1991 revela que num total de 393 alunos matriculados no início do ano letivo na primeira série do primeiro grau, 96 foram re-tidos e, por diversos motivos 38 foram casos de evasão escolar.

Na dependência do governo para sanar estes problemas de evasão e repetência, pouco ou nada tem sido feito, restando somente o interesse das pessoas mais diretamente ligadas ao en-

¹REVISTA VEJA. Ed. 1209 - Ano 24, nº 47 de 20.11.91

²BALZAN, Newton César. Perfil do Supervisor Necessário. Caderno CEDES -7- Cortez, São Paulo, 1982, p.43.

sino público.

Existe a crença no trabalho de Literatura Infantil e Produção de Textos para diminuir o índice de repetência e evasão escolar para que haja maior participação no processo educativo e conseqüentemente o desenvolvimento global no processo de Alfabetização.

JUSTIFICATIVA

Por mais preparado que esteja o professor regente, faz-se necessário dar a ele maiores subsídios para que possa trabalhar com os alunos no processo da aquisição da lecto-escrita dentro da produção de texto e da literatura infantil.

Visto que: "se cada escola possui uma cultura própria, certamente responderá de modo diferente aos estímulos inovadores. Portanto, nenhum tratamento padronizado atingirá resultados idênticos em contextos escolares diversos"³.

Cabe ao Supervisor Escolar compreender a realidade de sua escola oportunizando a troca de conhecimentos e seu aproveitamento. É necessário trazer informações que visem facilitar aos professores o contato com novos conhecimentos, propor situações de crítica, permitindo trocas de descobertas, dúvidas e os erros com a perspectiva de garantir planos comuns de atuação.

³MOULIN, Nelly de M. Uma Alternativa para a Dinâmica de S.E. Ação Supervisora Integrada. Caderno CEDES -7- Cortez, S. Paulo, junho 1982, p.33.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Qual a contribuição do Supervisor Escolar no sentido de auxiliar os professores no trabalho com a Literatura Infantil e Produção de Textos?

OBJETIVO

Subsidiar os professores de 1ª série no trabalho de Literatura Infantil e Produção Textual.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O trabalho de Supervisão Escolar será desenvolvido nas primeiras séries do 1º Grau na Escola Municipal Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, no período de fevereiro a junho de 1992, com crianças de baixa renda.

LIMITAÇÕES

Para que este projeto de pesquisa seja bem desenvolvido há necessidade de uma estreita colaboração dos professores das primeiras séries, barreira a ser vencida pelo Supervisor Escolar no intuito de melhorar a qualidade do ensino público municipal.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

A Escola tem como objetivo principal desenvolver a competência comunicativa de estudantes das mais diversas origens sociais, provendo-os de instrumentos mais amplos e eficazes para firmar seus pontos de vista e reagir criticamente às situações do meio.

"A produção coerente e inteligível de mensagens adequadas às diversas situações de comunicação é condição de eficiência e objetivo máximo buscado por todos os processos de desenvolvimento do homem, enquanto elemento participante de um grupo social, cabendo à Escola a orientação sistemática desse processo".¹

O Supervisor Escolar deverá oferecer sugestões orientando o trabalho pedagógico dentro da sala de aula, visando contribuir com o professor regente para que atue adequadamente na alfabetização da criança.

A coordenação desse trabalho objetivando um estreito relacionamento com os profissionais envolvidos deverá ser estruturada em bases psico-pedagógicas que fundamentam a maneira de se compreender o processo de ensino-aprendizagem da língua es-

¹ GUIMARÃES, Maria Ignez de Oliveira. Redação Escolar. Processo e Produto das Classes de Iniciação - Dissertação Apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de mestre em Educação 1980. p.2.

crita, um trabalho conjunto que servirá de base para a reflexão e renovação da prática educativa.

Acredita-se que os trabalhos de Literatura Infantil e Produção de Textos, são fundamentais no processo de alfabetização, bem direcionados pelos professores conscientes de sua prática educativa e corretamente orientados pelo Supervisor Escolar, visando tornar a alfabetização um processo dinâmico e criativo onde a criança participe ativamente de todas as atividades propostas tornando assim o ambiente escolar mais livre e menos coercitivo onde apenas se ouve o professor.

A Escola deve ser estimuladora de debates, exposições e narrações com atividades dinâmicas, criando um clima de motivação indo mais de encontro a interesses e vontades das crianças.

A criatividade bem estimulada faz com que o aluno desenvolva o seu potencial de uma forma fundamentalmente lúdica, proporcionando-lhe horas de encantamento e fantasia, informação e lazer.

A Literatura Infantil favorece o encontro com uma Pedagogia mais progressista que se fundamenta em analisar a realidade social.

Para a formação de verdadeiros leitores, a Literatura Infantil deve ser vista como "arte literária", a fim de que, através dos livros as crianças tornem-se leitores críticos, entendendo a realidade em que vivem julgando-se agentes ativos dessa realidade, buscando na leitura o prazer.

Há necessidade de se "trabalhar" literatura infantil porque esta representa para as crianças o que a poesia representa para o adulto, isto é, o atendimento às exigências do seu espírito (imaginação, fantasia, curiosidade, sonho, ilusão, intuição), equilibrando-

-as com as exigências de sua vida material, regida pelas leis práticas que condicionam a vida em sociedade.

As emoções são suscitadas na criança pelos contos ou histórias infantis que ela ouve (e que depois conta novamente a si mesma ...).

Com a literatura infantil a criança move-se num universo íntegro, onde o sonho e o real coincidem, onde tudo é livre para obedecer à própria natureza e onde a palavra não se distingue do ato, pelo contrário, se identificam profundamente.²

A Literatura Infantil não deve ser só objetivo pedagógico, mas sim, um elemento ampliador de visão do mundo que desperte o interesse de leitores na 1ª série.

Faz-se necessário que a Escola também se recicle para que a Literatura Infantil tenha novo enfoque, porque as relações da Escola com a vida tem sido de contrariedade. Ela nega o social para introduzir, em seu lugar, o formativo.

A sociedade brasileira "de uma maneira ou de outra" vem se desenvolvendo cada vez mais, e a Escola não consegue acompanhar esse desenvolvimento. Ela continua trabalhando com seus alunos da mesma maneira que trabalhava há muito tempo atrás. E aí a Literatura Infantil encontra-se na Escola da mesma maneira como se deu em sua origem, com objetivos pedagógicos.

Então, professores e Supervisores Escolares como agentes de mudança são os que devem interferir, mudando não só a visão da Escola, mas também da Literatura Infantil, buscando livros interessantes que não façam do aluno aquele sujeito que apenas "lê", mas alguém crítico e consciente do momento histórico em que vive.

²COELHO, Nelly Novaes. O Ensino da Literatura. 2.ed. São Paulo, José Olympio, 1973. p.160.

Além do bom trabalho com a Literatura Infantil, a Escola também deve mudar a maneira tradicional como vem trabalhando a escrita visando apenas formas ortográficas corretas e mecânicas.

Muitas vezes a Escola não é sensível à criança, atenta apenas aos aspectos superficiais de modelos de boa linguagem ou padrões de ortografia e esquece que o aluno tem um grande potencial criativo a ser desenvolvido. Propõe-se apenas a produção escrita como mero exercício formal de transformação dos sons da língua em grafias, o que tem levado o aluno a produzir conforme o professor deseja, perdendo muitas vezes seu desejo natural de escrever.

As produções textuais devem explorar ao máximo a criatividade da criança porque o aluno que escreve cola em suas produções o seu grande potencial criativo.

A intuição da criança, suas emoções ou sensações, tocadas pelo processo educativo, serão as portas abertas que levarão ao desenvolvimento e educação de suas qualidades de razão, inteligência e lógica, inerentes à condição do adulto que ela será um dia.³

A produção espontânea não deve ser trabalhada com objetivos "gramatigueiros" e sim visando a desinibição da criança fazendo com que essa se envolva no processo da invenção de uma história. Para isso o professor deve propor situações significativas para a produção escrita na Escola. A produção de textos não deve ser trabalhada como uma justificativa.

³COELHO, Nelly Novaes. p.166.

O envolvimento do produtor com sua obra, a atitude de independência e a busca constante de atingir a melhor forma de organizar e manifestar os resultados da própria descoberta caracterizam todo ato de criação, em que se inclui a produção singela de um texto.⁴

A leitura é a base para uma boa escrita e o professor precisa ter consciência disso, explorando ao máximo diversos tipos de leitura durante a alfabetização.

⁴ GUIMARÃES, Maria Ignez de Oliveira. p.133.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

O presente projeto pretende dar subsídios aos professores regentes de 1ª série para que desenvolvam um trabalho consciente, visando a construção da leitura e da escrita através de programas formativos que tenham presente a discussão da prática cotidiana com os professores oferecendo indicação de leituras atuais e adequadas.

Ficando-se à disposição dos professores discutir-se-á a situação de aprendizagem trazendo dados que ampliem a informação facilitando o processo de mudança para a melhoria efetiva do ensino.

Juntamente com os professores pretende-se um bom trabalho de Literatura Infantil visando a produção de textos que despertem o interesse da criança pela escrita.

Isto será feito através do acompanhamento do trabalho desenvolvido em sala por meio da observação e análise do processo educativo. O Supervisor Escolar será o mediador do trabalho de pesquisa e ação que será desenvolvido em sala de aula.

CAPÍTULO IV

EXECUÇÃO DO PROJETO

Este Projeto de Pesquisa foi desenvolvido em duas turmas de 1ª série com o objetivo maior de se trabalhar com Literatura Infantil, elemento chave para o desenvolvimento do processo de alfabetização e a produção de textos espontâneos pelos alunos alfabetizando.

A turma da professora A contava com 21 crianças de faixa etária bastante variada entre 7 a 13 anos, tornando-se desta maneira, muito heterogênea, com diferentes níveis de conhecimento, experiências vivenciadas bem diferenciadas. Algumas dessas crianças já possuíam domínio da língua escrita e, outras, com aproximação da escrita convencional e outras ainda iniciando o processo da língua escrita. Algumas crianças, por terem sido retidas várias vezes, além de problemas cognitivos apresentavam também vícios de linguagem do tradicionalismo tido até então, e, também de natureza emocional e disciplinar. Propondo a mesma atividade para tão diferentes alunos foi um trabalho bem difícil, mas os alunos, apesar dessas diferenças utilizaram informações umas das outras, estimuladas pelo trabalho em grupo e a interação ocorreu de forma natural, alcançando, dessa forma, os objetivos propostos, a compreensão da leitura/escrita como um processo natural e não forçada.

As atividades realizadas deram lugar a diversos níveis

individuais de desempenho, permitindo realização coletiva, visando sempre situações em que a criança pudesse "construir" o seu conhecimento, permitindo assim que "lesse e escrevesse", independente de seu nível de conhecimento.

A turma da professora B, tinha 24 alunos, sendo 21 repetentes, alguns com 2 ou 3 anos de 1ª série e apenas 3 alunos iniciantes. Essa classe, assim como a da professora A, apresentava-se bastante heterogênea, uma vez que elas estavam nas mais diversas fases do processo de alfabetização. As idades variavam de 7 a 10 anos.

Alguns alunos dessa turma sabiam apenas "escrever" ou "reconhecer" seu 1º nome e, apesar de conhecerem o alfabeto não conseguiam se expressar de forma escrita, somente através de desenhos. Inicialmente, com pouco interesse, mas, aos poucos, as atividades propostas eram executadas espontaneamente.

Os encontros havidos entre as professoras A e B com a Supervisora Escolar foram poucos, devido a problemas de horários compatíveis, uma vez que esta também atuava em sala de aula. Aproveitávamos os momentos de intervalos ou de aulas de Educação Física ou mesmo fora da Escola, para se discutir a prática educativa, as condições que elas tinham, suas idéias, fazendo um questionamento, na tentativa de compreender e procurar respostas às questões com as quais o professor se depara quase que diariamente.

Todas sabiam que deveriam encontrar uma forma de atuação coerente, compreendendo o processo de aprendizagem pelo qual passa a criança, desde o momento em que se depara com a língua escrita até quando chega a compreender as suas características, o

seu valor e a sua função, quando esta se constitui em objeto de sua atenção.

As dúvidas eram de que se as atividades propostas estavam sendo realmente produtivas, se as crianças chegariam a um bom resultado final de lecto-escrita.

Estávamos todas ansiosas para ver, na prática, o que havíamos tido na teoria, Pensar, repensar atividades que fosse "interessantes" e que despertassem o interesse dos alunos pela escrita como um meio para representar suas idéias e a sua própria linguagem.

Inicialmente a sugestão da Supervisora Escolar foi a de relermos:

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. 3. ed. São Paulo, Scipioni, 1991.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKI, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. 4.ed. P.A., Artes Médicas, 1991.

TEBEROSKI, Ana & CARDOSO, Beatriz. Reflexões sobre o Ensino da Leitura e a Escrita. 2.ed. São Paulo, Trajetória, 1990.

CURRÍCULO BÁSICO. Prefeitura Municipal de Curitiba. 1992.

O objetivo dessa releitura foi para repensarmos o que deveríamos esperar ou conseguir dos alunos. Chegamos à conclusão que não se poderia ter muita ansiedade, não esperar demais das crianças, trabalhar sempre em grupos, pois facilitaria o trabalho do professor, provocando a integração e a discussão de idéias pelos próprios alunos, compreendendo melhor o papel do professor, cuja missão principal, seria a de ajudar as crianças a verem, compreenderem e expressarem a realidade, assumindo a responsabilidade de ser o elemento de mudança, transformando-a em comunhão com seus semelhantes.

O meio escolar dá importância capital à linguagem oral

e escrita, portanto, o trabalho desenvolvido nessas duas turmas de alfabetização, referiu-se prioritariamente à Literatura Infantil e à Produção de Textos Espontâneos, cabendo a Supervisora Escolar observar como ocorreu a aprendizagem dos códigos de leitura e escrita deste contexto.

Outras leituras foram sugeridas:

FERREIRO, Emília. A Representação da Linguagem e o Processo de Alfabetização. Caderno de Pesquisas, São Paulo, fevereiro 1985.

GNERRE, M.B.M.A.; CAGLIARI, L.C.; MAGALHÃES, M.A.C.C.; LIMA, S.C. Leitura e Escrita na Vida e na Escola. s.n.t.

ROCKWELL, Elsie. Os Usos Escolares da Língua Escrita. Caderno de Pesquisa, São Paulo, fevereiro 1985.

RODRIGUES, Ada Natal. Lhão, Lhão, Lhão, Quem não Entra é um Bobão ou Como se Alfabetizam as Crianças no Estado de São Paulo, Caderno de Pesquisa, São Paulo, fevereiro 1985.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Abaixo as Infantilidades no Encaminhamento de Metodologia de Ensino da F E - Unicamp. autor dos livros Os Des. Caminhos da Escola (Cortez e Morais, 1979) e O Ato de Ler. Bases Psicológicas Para Uma Nova Pedagogia da Leitura. (Autores Associados & Cortez).

SOARES, Magda Becker. As Muitas Facetas da Alfabetização. Caderno de Pesquisa, São Paulo, fev. 1985.

Outras leituras feitas foram de apostilas dadas em diversos cursos de alfabetização, tais como:

ALFABETIZAÇÃO & PARCERIA II - Coleção "Cadernos do Ensino Fundamental. Secretaria da Educação do Estado do Paraná. Curitiba, 1991.

DE LOBATO A BOJUNGA. s.n.t.

IDÉIAS OU PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS SOBRE A TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA DA LEITURA. Curso de atualização para dinamização de Leitura e da Literatura no Ensino de 1º grau. Apostila dada em curso. s.n.t.

CHAPEUZINHO VERMELHO NO HELICÓPTERO. Curso de Literatura Infantil. Departamento de Educação. Divisão de Treinamento. s.n.t.

GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL: Um capítulo à parte. Texto preliminar elaborado para reformulação do Currí-

culo Básico da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, pelo grupo de alfabetização. s.n.t.

Essas leituras, embora sem grandes novidades, foram válidas, no sentido de ver que há esforço de diversos grupos de alfabetizadores em melhorar a dinâmica da mesma e tentar diminuir a tensão existente nos professores de 1ª série, culpados e responsabilizados pelo grande número de desistência e reprovações.

Em algumas oportunidades fez-se comparações do trabalho das professoras A e B com as outras de 1ª série da mesma Escola e sentíamos a diferença no encaminhamento da aprendizagem, o que foi de relevante importância, porque dessa maneira, comparando os trabalhos, ficamos seguradas de estarmos guiando pelo caminho mais acertado para encontrar resultados mais posteriores. (Anexo 1)

As crianças, em contínua interação com a linguagem escrita, tiveram a oportunidade de compreender o mundo, vivenciando experiências num ambiente descontraído, afetuoso e alegre, com liberdade, responsabilidade, muito esforço e interesse, realizando um trabalho consciente, sério, criativo, organizado cooperativamente pelos alunos e as professoras.

A prática da literatura infantil e do texto livre não só determinou uma nova dinâmica em sala de aula, como também, ampliou perspectivas, dando um novo sentido ao trabalho desenvolvido. Essa prática possibilitou vivências extremamente enriquecedoras, desafiantes e gratificantes, proporcionando aos alunos meios de se expressarem e de se comunicarem, ouvindo, discutindo seus comportamentos e valorizando-os.

Inicialmente a professora A trabalhou a representação do

alfabeto. Através de desenho, processo lúdico que não deve ser esquecido pelo professor, foi aproveitado ao máximo para o "despertar" da criança que vê a representação do desenho manuseando o alfabeto, explorando-se inúmeras palavras de significação real.

Ex: Em letras feitas em cartolina, as crianças, sempre em grupo, colocam todas as letras do alfabeto, são lidos e recordadas. Fazem a colagem na ordem do cartaz que está acima do quadro de giz. Ao mesmo tempo que colam as letras pensam em uma palavra que se inicia com a letra que está sendo colada. Com a ajuda da professora ou dos colegas já mais adiantados escreve ou desenha a palavra pensada. Alguns alunos tentam apenas copiar o que já está estrategicamente colocado na sala através de cartazes como: lixo - porta - armário -, etc.; mas outros pensam, desenham palavras diferentes daquelas tão conhecidas. (anexo 2)

O trabalho foi feito aos poucos para não se tornar cansativo e desanimador. Para os mais lentos, havia sempre ajuda de colega ou da própria professora. Ex: A - com traçado correto - amor - asa - ave - alfa - . Algumas crianças procuravam fazer palavras diferentes daquelas que as outras haviam feito numa competição sadia, compartilhando acertos e dúvidas.

A professora A também trabalhou o alfabeto partindo de canções conhecidas das crianças, como o alfabeto da Xuxa. A professora aproveitava a música cantada para esclarecer o significado de cada palavra. Escrever no quadro de giz e sempre, através da canção, faziam pseudo leitura. Posteriormente, foram feitos desenhos das letras de acordo com a interpretação da criança. Os cartazes ficavam expostos na sala de aula e as crianças

a eles recorriam quando sentiam necessidade na formação de outras frases ou mesmo mudando as palavras usando seu nome, do colega ou de familiares para variar bem a canção.

Outra atividade: Composição de desenho a partir de colagem e posterior formação de pequenos textos.

Pelo fato de algumas crianças já conseguirem se expressar pela escrita, estas ajudavam os colegas na composição de frases ou histórias. Quando não se sentiam seguras, pediam ajuda à professora que lia e os ajudava a reescrever, incentivando dessa maneira para que todos se sentissem valorizados ao ouvirem e sentirem a relação de oralidade x escrita. O texto era reescrito no caderno ou quando produzido em conjunto, no quadro de giz, sem que fosse necessário, riscar, estragar o que já haviam feito. A criança copiava seu texto novamente sem se sentir prejudicada.

Outro recurso usado com êxito foi feito através da literatura, onde as crianças tinham inteira liberdade de escolher o que queriam "ver ou ler" livros (retirados da biblioteca da Escola) ou "gibis" colecionados pelas próprias crianças e fazendo uma troca constante entre elas. Aproveitavam os desenhos para criarem histórias ou mesmo desenhá-las à seu modo. As crianças tinham oportunidade de levar "seu" livro ou gibi para ver mais tranquilamente em suas casas, mostrando dessa forma, aos seus pais o interesse, a necessidade e a naturalidade que a literatura infantil nos dá.

A letra usada na "cópia" do texto do livro, inicialmente era a de forma e sem esforço da professora, elas passaram a usar a manuscrita de forma espontânea.

A literatura infantil na sala de aula, tida como momen-

to de prazer, não tinha um planejamento prévio, pois partia dos mais diferentes interesses de cada grupo.

Aproveitando a "leitura" feita por grupos de alunos eles recriavam histórias à sua própria vontade, tornando, às vezes muito mais interessantes e dando, indiretamente "idéias" para os colegas. A professora aproveitava esse momento de criação para introduzir, indiretamente, os elementos básicos da escrita correta: seqüência, parágrafos, pontuação, concordância, etc., sempre sem uma cobrança acirrada, deixando dessa maneira, a idéia surgir mais espontaneamente, mais naturalmente. As crianças procuravam sempre desenhar a história feita, colocando o nome dos personagens. Seus trabalhos eram colocados em destaque para que houvesse mais incentivo e para que os alunos que ocupam a mesma sala de aula em outro período, também tivessem oportunidade de lerem as histórias feitas por eles.

A leitura, papel fundamental da escola, foi durante todo esse tempo, muito bem explorada pela professora, em todos os sentidos: prazer, necessidade, informação, incentivo que seguirão com as crianças pelo resto de suas vidas.

A finalidade maior do ensino de Português utilizando esta dinâmica, não é somente a de favorecer ao aluno, o domínio do código lingüístico, mas também é, principalmente, por meio deste domínio, criar condições favoráveis para que a criança possa desenvolver suas potencialidades ampliando sua capacidade de criar, de se comunicar, de se expressar, adquirindo o hábito de buscar por si só os meios para superar seus bloqueios e dificuldades.

A professora B, com mais de 20 anos de experiência em

alfabetização em 1ª série, estava acostumada ao tradicionalismo e sua expectativa em relação à novidade era demasiadamente visível. Ela apostou toda sua boa vontade, procurando esquecer o "bê-a-bã" trabalhado durante anos e, seguir de maneira espetacular, de modo diferente, bem mais avançada.

Sua turma, também com 2 ou 3 anos de repetência era bastante difícil, apresentando vícios e dificuldades adquiridas ao longo dos anos, mas logo a professora sentiu que a contribuição da Literatura Infantil, foi de grande valia e de bastante significação, despertando o interesse dos alunos pelos livros, não só pelo livro propriamente dito, mas também pela construção da lecto-escrita.

Livros de histórias infantis foram sugeridos pela Supervisora Escolar, tanto para as professoras, como para os alunos:

- ALMEIDA, Fernanda Lopes. A Margarida Friorenta. Ática. 5.ed. São Paulo, 1984.
- BORGES, Carlos. O Encantador de Serpentes. Kuarup. 3. ed. Porto Alegre - RS, 1991.
- _____. O Presentão. Kuarup. 2.ed. Porto Alegre - RS, 1991.
- _____. O Pote Mágico. Kuarup. Porto Alegre - RS, 1987.
- _____. O Inventor Maluco. Kuarup. 2.ed. Porto Alegre RS, 1991.
- BRITO, Carlos. Vovô Guida. Ed. Brasil, 1989.
- BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. Berlendis & Vertucchia Editores Ltda. 8.ed. 1984.
- CASASANTA, Terezinha. O Gato que Mudava de Casa. F.T.D. São Paulo, 1986.
- COELHO, Ronaldo Simões. O Pato Poliglota. Ática.
- COELHO, Santuza Abras Pinto. No Cabide de Vovô. Ed. Lê, Belo Horizonte - MG, 1985.
- _____. Teco. Ed. Migrilin. 4.ed. 1985.
- FRANÇA, Mary & FRANÇA, Eliardo. Chuva. Ática. 4.ed. São Paulo, 1984.

- _____. O Barco. Ática. 6.ed. São Paulo, 1986.
- _____. O Vento. Ática. 6.ed. São Paulo, 1986.
- FRANÇA, Mary. A Roupa do Rei. Nova Fronteira. 3.ed. Rio de Janeiro, 1990.
- JUNQUEIRA, Sonia. Eduardo. Formato Editorial. Belo Horizonte - MG, 1990.
- _____. Dora. Formato Editorial. Belo Horizonte - MG, 1990.
- _____. Francisco. Formato Editorial. Belo Horizonte - MG, 1990.
- _____. Marcos. Formato Editorial. Belo Horizonte - MG 1990.
- _____. O Macaco Medroso. Ática. 3.ed. São Paulo, 1988.
- _____. O Peixe Pixote. Ática. 4.ed. São Paulo, 1988.
- _____. Um Palhaço Diferente. Ática. 2.ed. São Paulo, 1985.
- PORTO, Cristina, TENÊ, de Casa Branca. Vassoura Varredeira. F.T.D. São Paulo, 1986.
- _____. Trecos e Cacarecos. F.T.D. São Paulo, 1986.
- RETTAMOZZO, Luís Carlos. Nuvem Menina. LPM. 3.ed. Porto Alegre, 1991.
- ROCHA, Ruth. Aladim e a Lâmpada Maravilhosa. Global Editora. São Paulo, 1983.
- WOOD, Audrey. A Casa Sonolenta. Ática. 5.ed. 1991.
- ZIRALDO. Rolim. Ed. Melhoramentos. 7.ed. São Paulo, 1988.
- _____. Dodô. Ed. Melhoramentos. 6.ed. São Paulo, 1991.
- _____. Pelegrino & Petrônio. Ed. Melhoramentos. 8.ed. São Paulo, 1989.
- _____. O Joelho Juvenal. Ed. Melhoramentos. 12.ed. São Paulo, 1991.
- _____. Os Dez Amigos. Ed. Melhoramentos. 12.ed. São Paulo, 1991.

A opção pela escolha do livro ou tema a ser desenvolvido foi de livre escolha da professora.

Desde o começo de seu trabalho com a Literatura Infantil, a professora B, iniciava seu trabalho partindo da exploração da capa do livro, desenhos de capa e contra-capas, autor, ilustrador, paginação, ilustrações da história propriamente di-

ta, destacando a beleza, o encantamento e o envolvimento que a Literatura faz, trazendo um enorme prazer para as crianças não só ouvirem, reproduzirem, mas, até mesmo "criarem" suas próprias histórias, ilustrarem textos previamente escritos pela professora.

Os livros de Literatura Infantil funcionaram como porta libertadora de bloqueios e limitações que os alunos trazem consigo, dizendo: "eu não sei", "eu não posso", "eu não consigo" e, com o uso da Literatura eles perceberam suas capacidades e conseguiram libertar seus pensamentos, suas angústias, seus desejos.

A professora lia a história do dia, fazia perguntas orais para ver se as crianças haviam entendido. Quando na história apareciam palavras desconhecidas das crianças, a professora explicava o significado de cada uma delas, dentro do contexto em que se encontravam, tornando assim, palavras mais acessíveis aos alunos, mesmo porque eles são de um nível de baixíssima renda e não têm maior contato com livros a não ser na própria Escola.

Após ouvirem, entenderem o significado da história lida, as crianças desenhavam o que de mais significativo tinha sido para elas. Depois escreviam um texto no quadro de giz, com a ajuda da professora para depois o copiarem em seus cadernos.

A princípio foi difícil estabelecer essa comunicação de forma espontânea, as crianças tinham que ser estimuladas a todo momento, mas no desenrolar das semanas, elas mesmas procuravam escrever através das experimentações das letras do alfabeto móvel, sempre em conjunto com outra criança e ajuda da pro-

fessora.

Os textos eram reestruturados no quadro de giz, com as devidas alterações ortográficas. Sempre a professora destacava o título da história - usando letra maiúscula e no centro do quadro de giz, fazendo com que as crianças usassem letra maiúscula no início de cada frase, o ponto final no término da mesma e a necessidade do uso do parágrafo. Apesar dessa maneira de trabalho (vícios do tradicionalismo) ser combatida por alguns professores, os alunos dessa turma não sentiram dificuldades para essa execução e quando surgiam dúvidas, consultavam a professora.

A professora B não explorava tão somente livros de literatura infantil para o desenvolvimento da lecto-escrita, foram incluídas no dia-a-dia, músicas, procurando fazer interação com as outras áreas do conhecimento e também para desinibi-los.

Partindo da oralidade, as crianças falavam sobre o tema do dia, de como eram suas vidas, suas dificuldades e do "pouco" de bom que elas têm, de fatos presenciados em relação a cada tema apresentado, complementando a narrativa do colega e o enriquecimento do trabalho feito.

Ao trabalhar a história "O Peixe Pixote", de Sonia Junqueira, a professora B, partiu, como sempre, da exploração da capa, contra-capas, autor, ilustrador, número de páginas, etc., conversaram sobre o personagem principal que nadava com os "olhos fechados" e, dessa maneira, não podia ver as belezas do seu mundo.

Aproveitando o tema, a professora falou sobre o "habi-

tat" de alguns animais, os que vivem na água, na terra e a alimentação de cada categoria animal. Pesquisaram através de recortes de revistas, de animais que possuíam em casa, sobre animais que têm escamas, pêlos, penas.

Foi falado, também, aproveitando "O Peixe Pixote" sobre os órgãos dos sentidos, fazendo experiências concretas, usando para cada uma delas a visão, olfato, audição, paladar e tato. Depois as crianças desenharam em seus cadernos as partes do corpo que representam esses órgãos.

O trabalho foi demorado, feito em diversos dias, mas, as crianças adoraram!

Em outra oportunidade, foi retomada a história do "O Peixe Pixote", fazendo a construção do título com letras pesquisadas e coladas nos cadernos. Foi carimbado um peixe para que as crianças desenhassem o lugar onde o peixinho morava. A partir daí foi feita a produção de um texto coletivo no quadro de giz para que posteriormente elas copiassem no caderno.

Conforme o tema escolhido, as crianças criavam seu próprio livro de histórias, partindo sempre da confecção da capa, escrita, ilustração até o acabamento final, através da pintura dos desenhos. (Anexo 3).

De acordo com o livro lido a professora aproveitava para trabalhar os benefícios e danos que o frio/calor/tempo seco ou chuvoso traz para nós, para nosso organismo (resfriados) e para a natureza, deixando sempre as atividades a nível de conversação e desenhos feitos pelas próprias crianças, trazendo a experiência, vivência dos alunos para o enriquecimento da aprendizagem.

Num trabalho educativo, por meio do qual se pretenda atingir o desenvolvimento da leitura e escrita, o aluno precisa sentir e compreender a função social dela e a sua razão de existir.

Partindo dessa necessidade, as professoras procuraram provocá-las para que escrevessem expressando-se autenticamente.

RELAÇÃO CRIANÇA X PROFESSOR

A relação das crianças com a professora A é muito amistosa. Elas gostam muito da professora, porque esta garante um clima muito confraternizador na sala de aula.

O trabalho em grupo, o círculo que esta realiza para contar histórias, cria nas crianças uma confiança e um sentimento de amizade real entre professor x aluno.

O trabalho em grupo proporcionou um clima de confiabilidade que muito contribuiu no processo alfabetizador.

PROFESSORA B

As crianças sentiram-se com maior liberdade e segurança no que se refere a escrita e a leitura de seus próprios textos. Houve maior cooperação, pois trabalhavam em grupos, em situações de constantes trocas de informações, sempre contando com a colaboração da professora.

Os alunos foram tendo mais interesse pelos livros (folheá-los inicialmente) e tê-los de forma mais espontânea, pois não havia "cobrança" da professora.

As crianças tornaram-se mais criativas e críticas, sem temer o envolvimento da professora, ao expor suas idéias, porque esta procurou sempre incentivá-las e valorizar o que haviam feito.

O ambiente em sala de aula foi aconchegante, organizado e limpo fazendo com que todos se sentissem à vontade dentro dela.

RELAÇÃO PROFESSOR X SUPERVISOR

A relação supervisor x professor, apesar da dificuldade de tempo e incompatibilidade de horários, foi muito matura, compromissada, permitindo um enriquecimento teórico e prático, difícil de se expor numa redação em que se exige maior capacidade dissertativa para não se cair num estilismo barato.

Tentando objetivar o acima descrito, poder-se-ia dizer que a relação de troca foi tão profícua que temo pecar por omissão certos aspectos por mim considerados óbvios e que talvez não o sejam para os demais. Caberá ao leitor, julgar.

DEPOIMENTO DA PROFESSORA A

Ao final de junho, os saltos que as crianças estão tendo têm sido muito significativos, o que nos faz sentirnos seguros e mais confiantes em estarmos no caminho certo.

Obs.: Acredita-se que ela não teve dificuldades em trabalhar desta forma mais moderna e atual, onde a criança ajuda-se a si mesma, chegando a um resultado mais produtivo e em menos tempo.

DEPOIMENTO DA PROFESSORA B

Ela surpreendeu-se com o seu trabalho, pois ao final de junho falou:

"Nesses vinte anos em que trabalhei com 1ª série, por melhor que fosse a turma, nós não havíamos trabalhado, nesta época do ano, a metade das 'letras do alfabeto', estávamos ainda engatinhando, fazendo o trabalho tradicional e hoje estou surpresa, feliz, emocionada por em tão pouco tempo, a turma estar assim. Já sabem fazer uma história, reconhecem sem medo, palavras novas, lêem, não só o que produzem, mas principalmente, se interessam por livros de histórias infantis (até revistas de histórias em quadrinhos, assinatura feita pela própria professora), que estão à disposição das crianças, todos os dias. Foi uma experiência maravilhosa, significativa e que espero, no próximo ano, estar mais à vontade de prosseguir por esse caminho que inicialmente eu não acreditava tão piamente. Já ouvia falar, não tinha feito nada parecido e nem presenciado essa maneira de trabalhar.

Estou realizada!"

Obs.: Para a professora B esse tipo de trabalho foi mais desafiante, porque por anos a fio, ela estava "acostumada" ao tradicionalismo que em suas turmas funcionavam muito bem.

Aos poucos ela foi evitando a sistematização a que es-

tava acostumada, deixando de trabalhar "famílias silábicas" isoladamente e o trabalho fluir de maneira mais interessante tanto para os alunos como para ela.

Todos saíram ganhando com a mudança de posicionamento e não deixaram de atingir o principal objetivo: despertar a criança para ler/escrever. (Anexo 4)

CONCLUSÃO

Logo no início do ano as expectativas e ansiedades para a execução dos Projetos eram muitas: tinha-se que pensar em atividades que além de interessantes, estimulassem e despertassem o interesse da criança pela escrita. Em nossos poucos encontros procuramos pensar em diversas situações onde as crianças pudessem utilizar, sem medo, um meio de representar suas idéias e sua própria linguagem, expressando-se livremente sem preconceitos.

O texto livre é um instrumento de trabalho, uma técnica pedagógica que favorece a espontaneidade, a criação, a interação com o meio e a expressão do aluno.

É uma oportunidade para que o aluno mostre claramente e, conseqüentemente, uma maneira para que o professor o conheça, quando ela expressa e exterioriza seus problemas, seus sonhos, suas fantasias, seus desejos, sua visão de mundo.

Outra forma de proporcionar o alargamento do domínio lingüístico é oferecer à criança a oportunidade de estar, em contato com a leitura através da Literatura Infantil, não só porque transmite informações e conhecimentos morais, mas, porque pode conceder ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais.

O domínio da língua escrita é extremamente facilitado

quando impulsionado pelo desejo de aprender a ler e a escrever. Evidentemente, este desejo só poderá se manifestar numa criança a partir do momento em que ela saiba da existência e da utilidade da escrita.

Como, nem sempre, o meio familiar propicia experiências que desperte o desejo de se alfabetizar, cabe a escola a necessidade de criar o maior número possível de situações agradáveis para gerar desejo - o prazer de ser alfabetizado.

Esse tipo de trabalho foi muito bem feito nessas duas turmas de alfabetização, porque contando histórias, fatos da vida diária, desenhando, pintando, escrevendo e vivendo experiências, cada criança procurou integrar a escrita e leitura da vivência do seu dia-a-dia.

Em sala de aula foram previstas outras atividades como dramatizações, montagem de cenários, desenhos, escrita, recortes, colagem, dobraduras, etc., tendo a criança nesse espaço, oportunidade de soltar sua imaginação, criando seus próprios personagens, dar-lhes vida, criar outros lugares, outros jeitos de ver e sentir o mundo, transformando uma simples folha de papel num barquinho com o qual ela conquistaria universos distantes, misteriosos e encantadores.

Cada história lida foi comparada com fatos da vida real, do cotidiano para que não pairasse no ar, apenas fantasias de um mundo irreal.

Ao final de junho pode-se afirmar que a maioria dos alunos, já estavam lendo e produzindo seus próprios textos com segurança e criatividade, sem o medo de escrever, o que até então havia: crítica e condenação dos erros pelos professores.

Durante o desenvolvimento do processo, convém especificar, que nem por um minuto sequer, foi relegado a um segundo plano as referências trazidas pelas crianças, antes mesmo de entrarem na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar com as professoras A e B, mesmo num espaço de tempo significativamente pequeno, foi motivo de muitas alegrias, por vê-las, senti-las crescendo à medida em que aplicavam seus conhecimentos, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem de cada ser humano.

Elas compreenderam as dificuldades da iniciação da lecto-escrita, passando entender melhor e mais naturalmente os erros que as crianças cometiam.

Dimensionaram a questão ler/escrever ao prazer de adquirir novos conhecimentos não apenas para a criança mas, para também seus familiares, nem sempre alfabetizados, para que haja transformações culturais, sociais, fazendo com que se permita viver melhor.

Ao escolherem textos, os professores levaram em conta o significado que eles contêm, sem causar danos na formação da personalidade da criança, assim como, também ver o mérito literário do que vai ser lido.

Elas deram oportunidades às crianças para que as mesmas pudessem expressar-se, na escrita, de maneira natural, sem imposições, apenas deixando-as familiarizarem-se com o "vocabulário" mais elaborado, adequado à hora e lugar, de maneira a não lhes tolher a vontade de escrever e, conseqüentemente, ca-

larem-se ou emudecerem-se.

Ensinaaram as crianças não só o código escrito, mas, também, através de leituras, ensinaram a elas a "ler" nas entrelinhas, a concluir pensamentos iniciados, mas nem sempre concluídos.

Ensinaaram-lhes a concordar ou discordar da idéia inicial do autor, fazer críticas, sem receber interferências de outrem, sem serem domesticadas por outra pessoa.

O autoritarismo do professor em exigir "perfeição" logo no início da alfabetização inibe a criança, o seu desejo de saber. O encantamento da escrita foi orientado pelas professoras que também foram parceiras, colaboradoras, incentivadoras, nunca "opressoras", transformadoras de medos, inseguranças, valendo-se de serem "donas da verdade", únicas proprietárias do ler/escrever.

Atividades como falar (contar casos particulares), cantar, recitar, dançar, ouvir músicas, correr, pular, saltar, brincar com água, areia, bola, corda, manipular objetos diversos, estabelecer contatos e relações com outras crianças e adultos, foram consideradas importantes para favorecer a apropriação da escrita. Essas atividades tiveram asseguradas, de forma equilibradas, no conjunto de atividades desenvolvidas pelas crianças no decorrer dos trabalhos escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil Gostosuras e Bobices. 2.ed. São Paulo, Scipione, 1991.
- BALZAN, Newton César. Perfil do Supervisor Necessário. Caderno CEDES, 7. São Paulo, Cortez, 1992.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. 3.ed. São Paulo, Scipione, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. O Ensino da Literatura. 2.ed. Rio, José Olympio, 1973.
- _____. A Literatura Infantil. 3.ed. São paulo, Quirôm, 1987.
- FERREIRO, Emília. Alfabetização em Processo. 5.ed. São Paulo, Cortez, 1989.
- _____. Reflexões sobre Alfabetização. 16.ed. São Paulo, Cortez, 1990.
- _____. A Representação da Linguagem e o Processo de Alfabetização. Caderno de Pesquisas, São paulo, 1985.
- GUIMARÃES, Maria Ignez de Oliveira. Redação Escolar. Processo e Produto das Classes de Iniciação - Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de mestre em Educação - 1980.
- MOULIN, Nelly de M. Uma Alternativa para a Dinâmica de S.E. Ação Supervisora Integrada. Caderno CEDES, 7. São Paulo, Cortez, junho 1982.
- PÊCORA, Alcir. Problemas de Redação. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- ROCKWELL, Elsie. Os Usos Escolares da Língua Escrita. Caderno de Pesquisa, São paulo, fev. 1985.
- RODRIGUES, Ada Natal. Lhão, Lhão, Lhão, Quem não Entra é um Bobão ou Como se Alfabetizam as Crianças no Estado de São Paulo. Caderno de Pesquisa, São Paulo, fev. 1985.
- SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-Crítica. Primeiras Aproximações. São Paulo, Cortez, 1991.
- SOARES, Magda Becker. As Muitas Facetas da Alfabetização. Caderno de Pesquisa. São Paulo, fev. 1985.
- TEBEROSKY, Ana & CARDOSO, Beatriz. Reflexões Sobre o Ensino da Leitura e da Escrita. 2.ed. São Paulo, Trajetória, 1990.

ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Lígia Cademartori. Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação. 3.ed. São Paulo, Ática, 1987.

ANEXO 01

Carmita
Reje e Reia

A-B-C-D-E-F-G-H-I-J-L
M-N-O-P-Q-R-S-T-U-V-XZ

M-N-O-P-Q-R-S-T-U-VXZ

A-B-C-D-E-E-G-H-I-J-K
M-N-O-O-E-F-G-H-

Carmita Reje e
Princesa Reia
CASA SACA

Carmita Reje e
Princesa Reia

Alex ANDRÉ - HI
ANDRÉ - Alex
ANDRÉSSA -
Alexandre -

curtil Oghol

Quinta-feira

11 Pitado-

lata - mala - lata -

gata - alilha

colado - papel -

dedo - legao TX

lado - lido - lido

lado - lido - lido

11

A - Alha

B - Ba

C - Ca

D - Da

E - Ea

F - Fa

G - Ga

H - Ha

I - Ia

J - Ja

K - Ka

L - La

M - Ma

N - Na

O - Oa

P - Pa

Q - Qa

R - Ra

S - Sa

T - Ta

U - Ua

V - Va

X - Xa

Y - Ya

Curitiba, 22 de maio
de 1997 hoje é sexta-feira
cidade

- 1- Cachorrinho
- 2- Pelinho ✓
- 3- gato
- 4- Felinho
- 5- bonequinho
- 6- O cachorro e Felinho ✓
- 7- O cachorrinho e Felinho
- 8- gato e felinho

Quitila, hoje quinta
feira:

1- Ditado

1-soda-andar-

1-lata-gata-mala

siglla

calha

meda

blanta

1-1-1-1

1-1-1-1

1-1-1-1

a-l-i-a-u-

a-l-i-a-u-

ABELHA

abelha

AVIÃO

avião

ÁRVORE

árvore

ABACATE

abacate

Cristina, 5 junho de 1992. hoje
sexta feira.

A família.

O sobrenome da minha família
é Ribas Lago.

O nome do meu pai é
João.

O nome da minha mãe é
Cristina.

Ei tenho 0 irmãos.

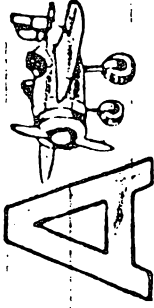
Minha família tem 3 pessoas.

Printe a letra



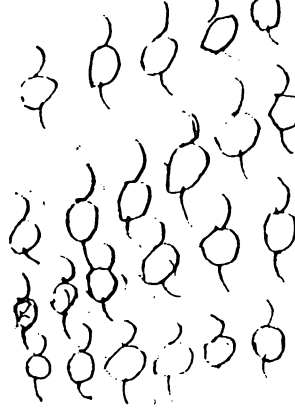
BOM

Mãe lava
com OMO.



a A
a A

Repita



mãe mãe
mãe mãe

mãe mãe
mãe mãe

G 

13-05-92

mura mura

incantazione al fiore

Un muto tempo per un'ora

Il più piccolo dei...

ga to

ga to

ga to ga to ga to

tata tu ta tu

Handwriting practice consisting of several rows of cursive 'g' and 'o' characters. The first row has six pairs of 'g' and 'o'. The second row has a continuous sequence of 'g' and 'o' characters. The third row has a continuous sequence of 'g' and 'o' characters. The fourth row has a continuous sequence of 'g' and 'o' characters. The fifth row has a continuous sequence of 'g' and 'o' characters.

Escala m m a D r a t a z
uz t p r n h a u s

curitiba A c p l m o r a n

descompre l r o m i n g

gulos

cania m u n t o d e l a

par i s b i c a r p e n t e

varigete z o z o p e r f i a

era p r o q u i n t a

Alu

Lucasplito!

X
 Escola m... da ...
 ... 1942

	1 2	3	4
	ma	mi	me
	me	mi	me
	mi	de	ca

5 + 10 = ...

5 + 10 = ...

10 + ... = ...

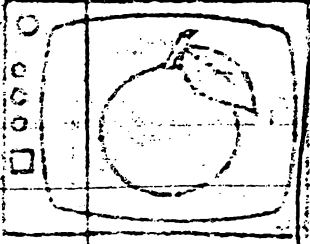
10 = ...

7 + 5 = ...

8 + 8 + 1 = ...

1 + 2 = ...

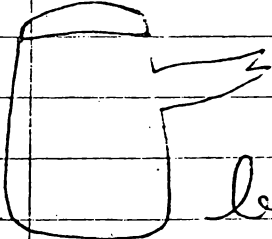
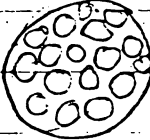

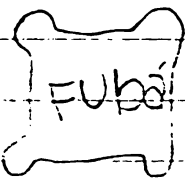
3 + 1 + 8 + ...

	fafa ba lola	lile bola leule	lola fuba
---	--------------------	-----------------------	--------------

O - lola comeu o lile.
 A fafa correu da lola.

Curitiba, 15 de abril de 1992.

f l l	la + la = lola
fafa - lola - lile	li + fe = lile
lola - fuba - leule	lo - la = lola
C	lu - le = leule
C	fu + ba = fuba
C	fa + fa = fafa
C	C

	leule		lola
C	C		
	fafa		fuba
C	C		

ANEXO 02



Severtem



o pato

é no um vez o pato para
fazer a vida

março

era uma vez o pato

que foi para fora e o furacão

de couro

era uma vez o pato

Heleni



Alcino e Estival
Suelen
Heleno e Jôao

Reser
Carmama
Citânia e Jane

Suelen



arumma
nina



Data: 6 março

De 1992

De 1992 e ultra e ste.

mariana



Helen



Piscote andava no lago, tinha
medo de escuro. Ele madona

longe um dia ele abriu os
olhos. Arlete

marçõ

um dia a tia um rato branco e beiramon da bei

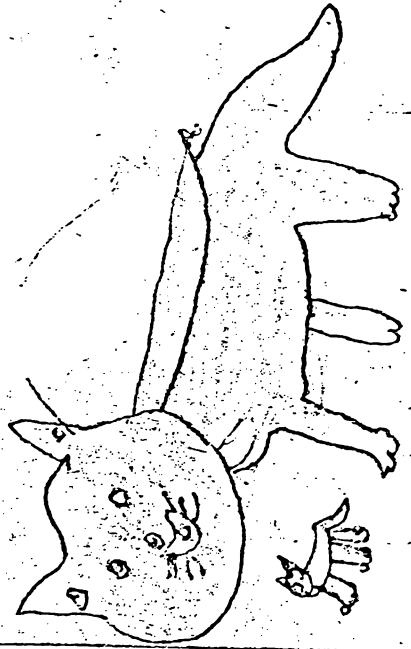
travete da guitarra de pica nome solo dai de de ceo

do mo lolo e corre lafora papagai Oxidator plete pacoce

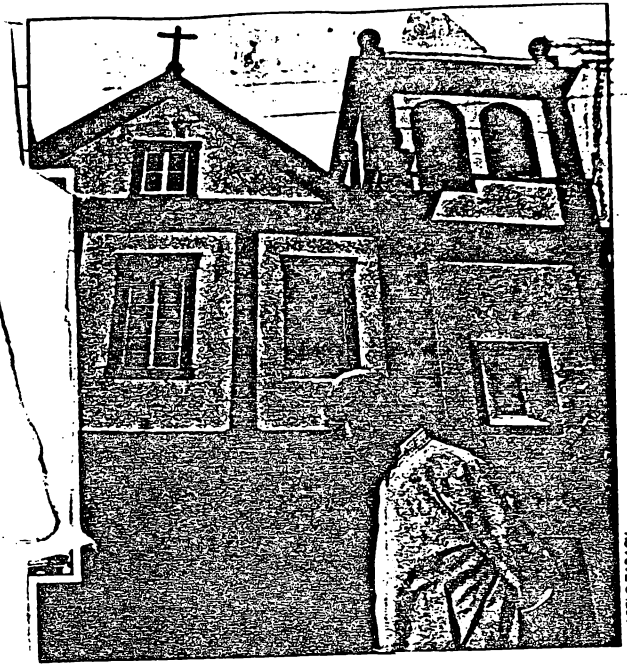
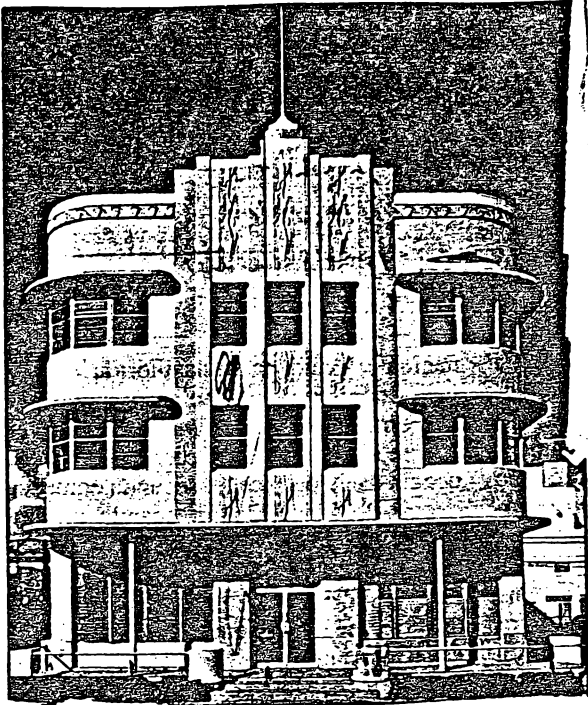
e dai aparelho o gato amarrado pelo omeo ratiao e como

em o figuel esse se demais

adivinos



2/9/5



aqui, o curitilho
lega staga de novo
e eu gosto de mais
aqui em curitilho.

MAIO

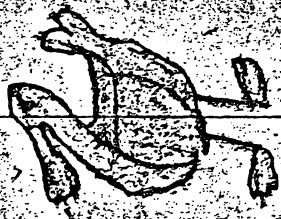
Abel) Curitiba 16 de junho
O teatro foi muito legal
e teve Brincadeira, foi muito
legal e teve detista
e teve a escola do
professor ranoda FIN

anda na conta do rei de as

o pechu para galinha - linha

o gesso - massa e o plim - gulin - gelu

porta conta a raposa



① gale le' ascuteu um Tiro de
 canhões e estiveram vindo na casa
 do Rei São e pediu para galinha
 Jilinha e Janso mamso e o périx
 glu glu ; Mata - Chota eia Japosa

Helen Julvo-

Curitiba 24 de julho 1972

O teatro

O teatro foi legal. O
patrimônio e a manilha
a gerência e o capitão
pau de pau e o moço
e o capitão pau
pau queria a sua a
Tigra da FIM

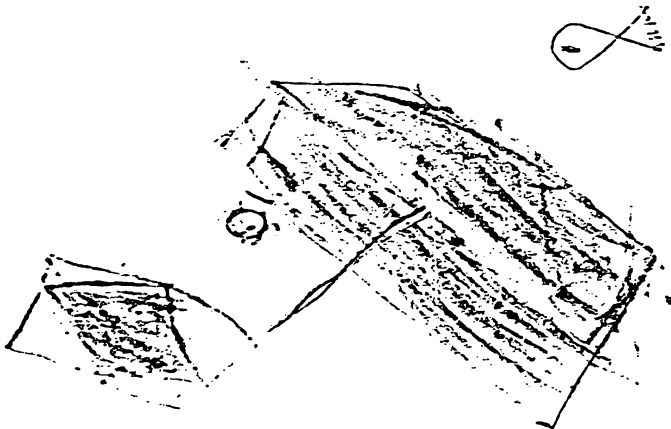
O teatro foi legal.
Tinha o patrimônio e
a manilha o gerência
e o Capitão pau de
pau e o moço
E o Capitão pau de
pau queria a sua a
Tigra



ANEXO 03

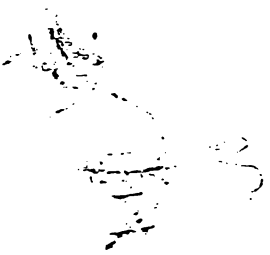
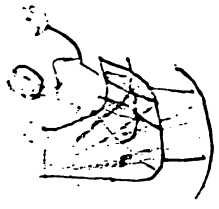
Victor: Mary Tranga.
Members: Daniel Sain, Kari...

Clarice.



8

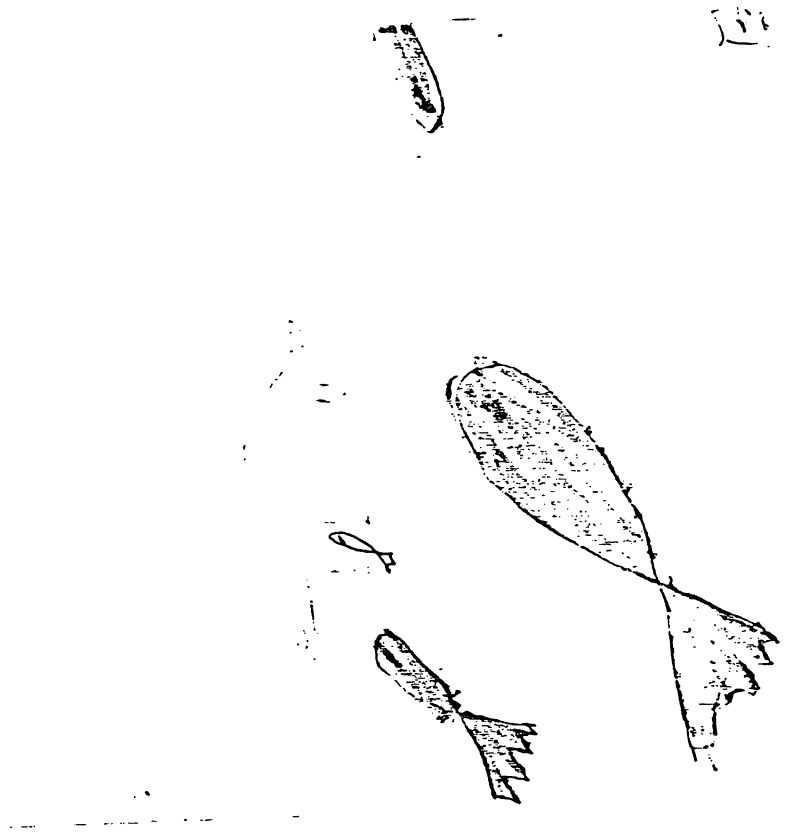
Adewu, Papi...
Adewu, Mama...
Agos, ...



Two or three specimens

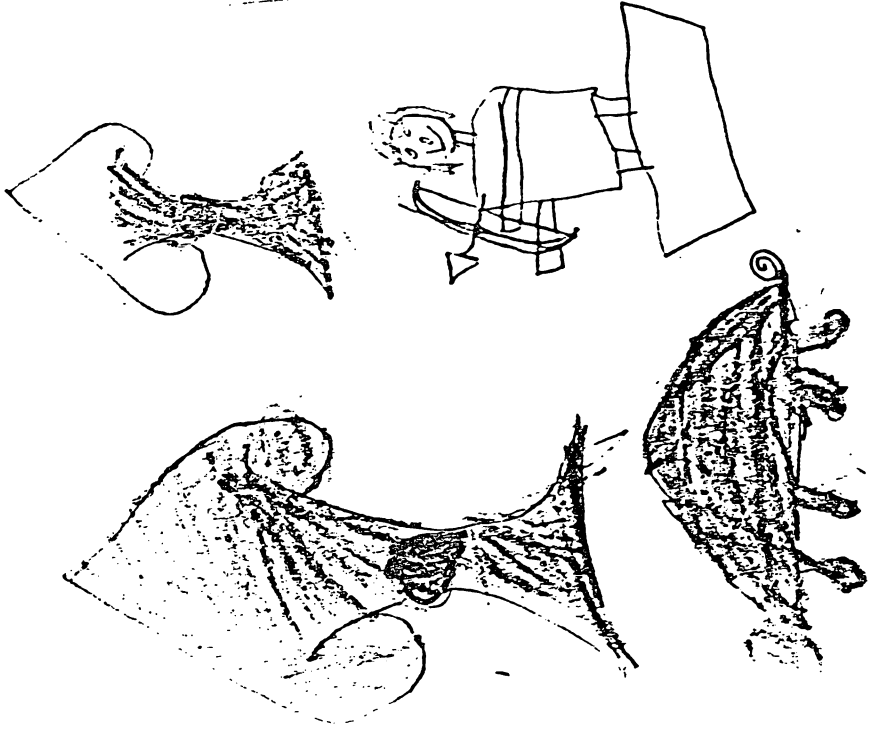
grandis *paucis*

1



11

Vou ver a tartaruga marítima.



Os águas do rio não

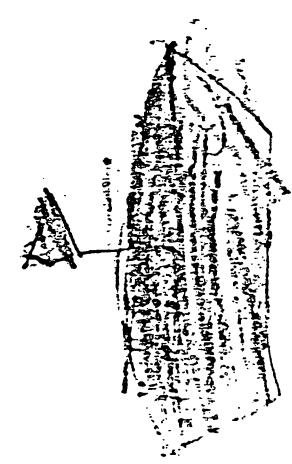
vão até o mar.
Com meu barcos eu vou

mostrar.

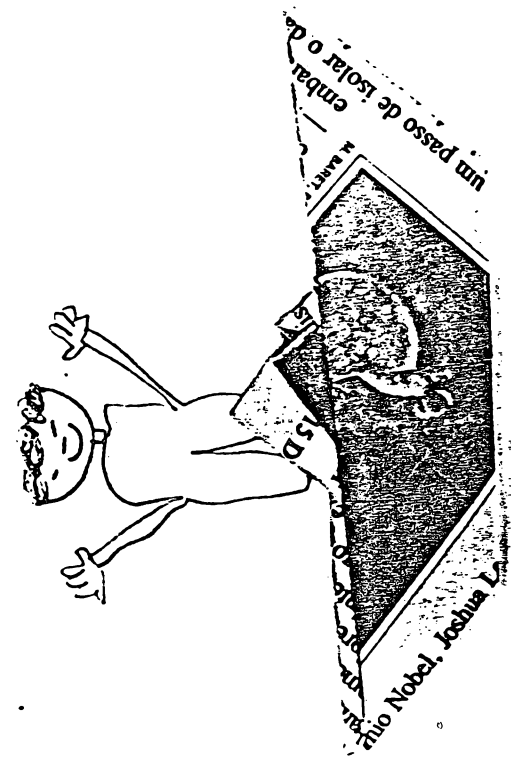
Vou também até o mar.



Vou deixar meu barco
na rio e vou navegar!



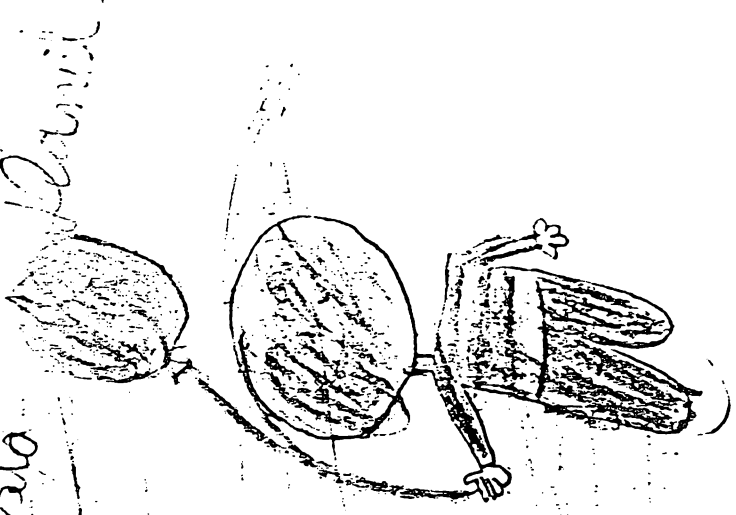
Vou longe... longe...
em meu barco de papel.





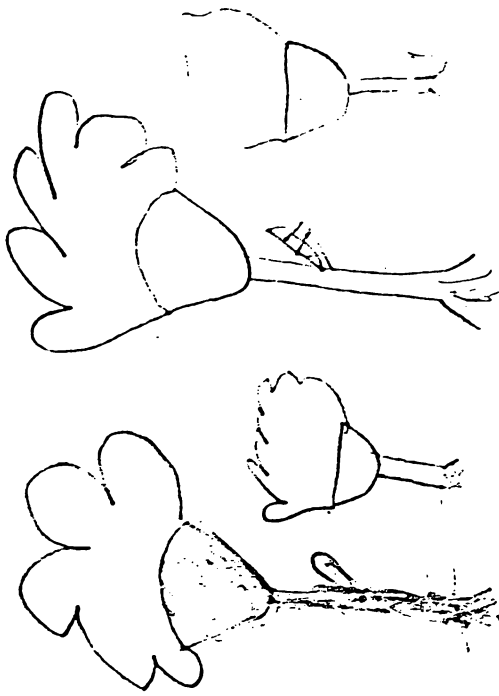
Ornito

autora: Mary Juana
desenhista



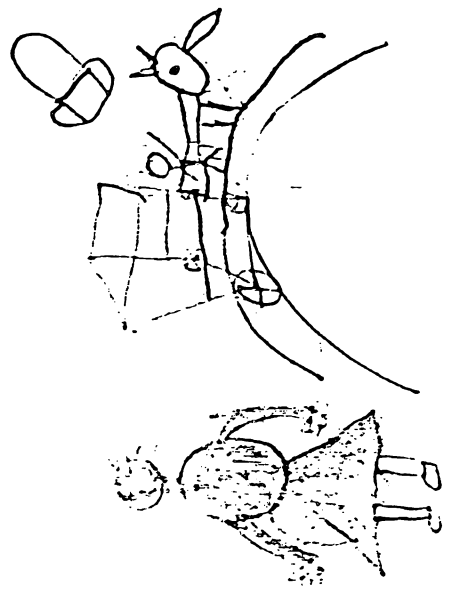
La venta separou fue una
norte dos munirios.

La venta separou de la
bolanion a la para la e
para ca.

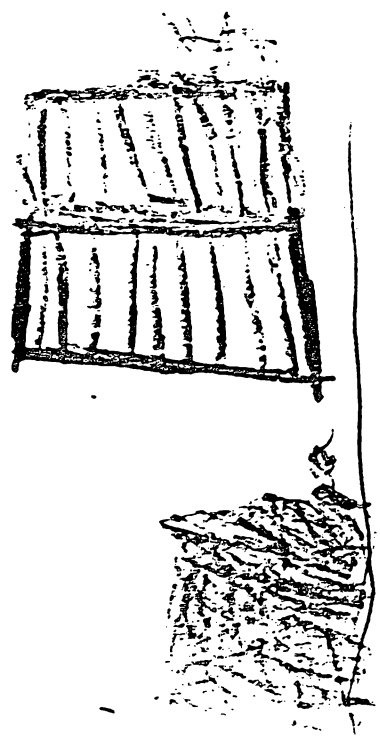


• O vento soprou seu filho.
Papai e mamãe de seu
João.

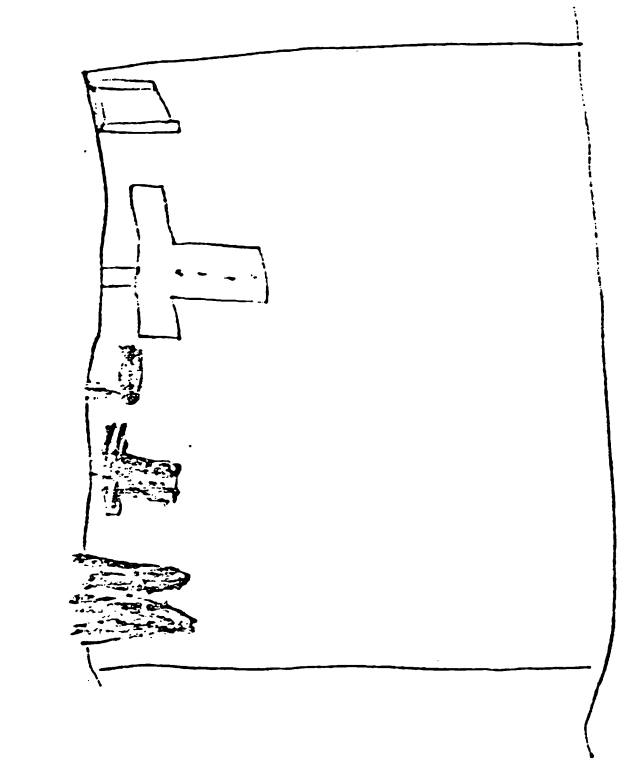
• A filha mais de dona
Dália.



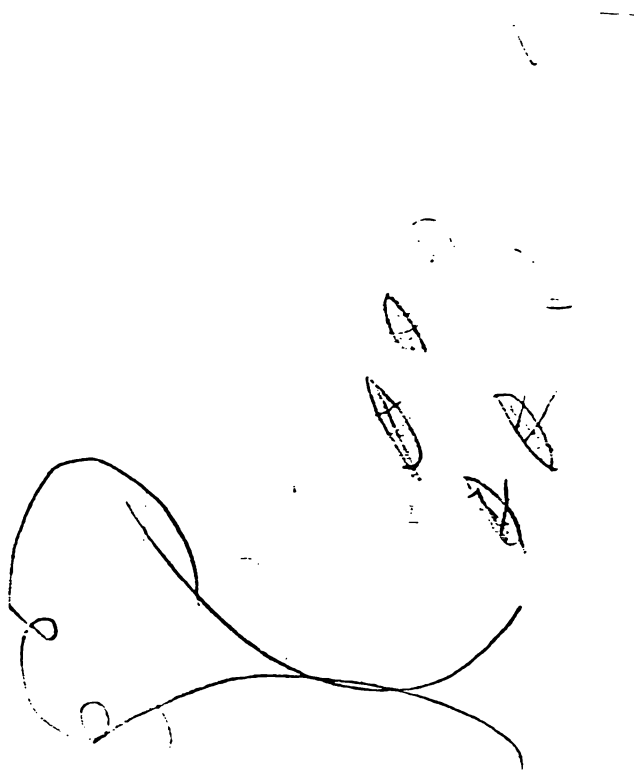
• Betem portões e janelas
com força.



• Dentes: superior e inferior
Sem toda a roupa no
varal.

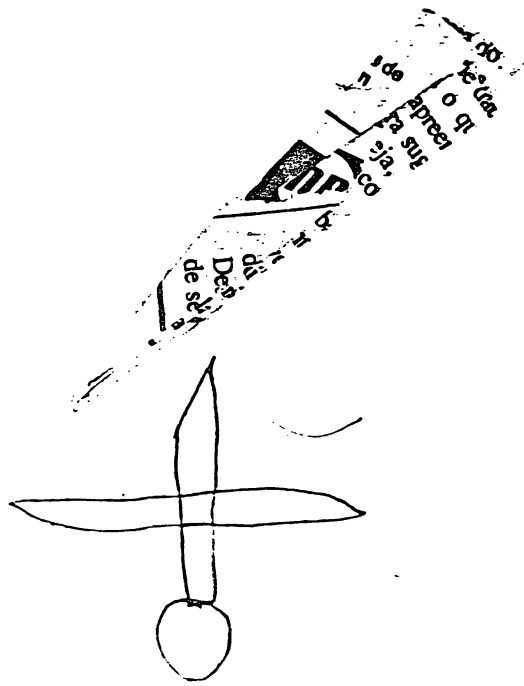


Jogar no chão as folhas
amarelas.

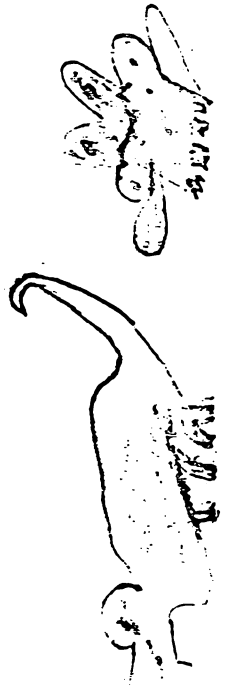


Bois de laurier.

est un arbrisseau de l'Inde.



laca do rapo.
vitor: Zircado.
brinhos: Maris



U papargano paku pas

D. Sa...

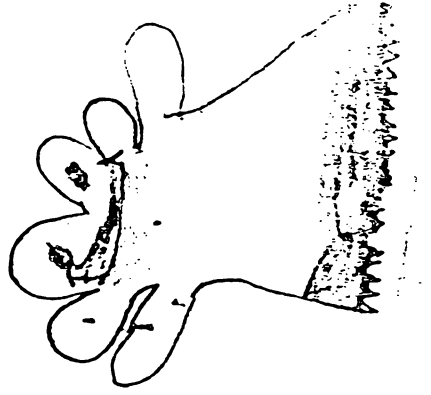
- Uae ter paku naku.



U rapo abri. e borii.

duu.

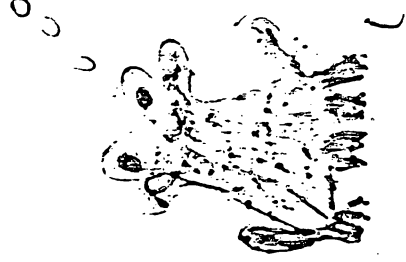
Abraa!!



Álvo papagaio
falou:

- vai ter comida aqui

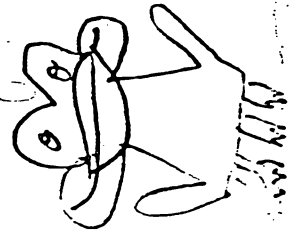
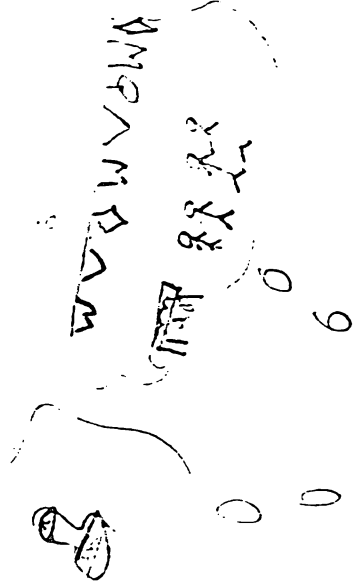
- E o papagaio disse:
- Aaaaaa!!



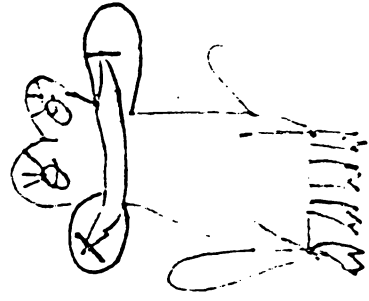
15

O papagaio disse:

- vai ter bebida
- vai ter leite.



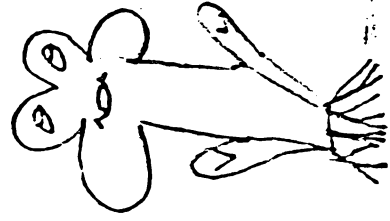
O rapo abriu mais
o bacia e falou:
- Uaaaaaa!!!



— É mar quente,
a bacia não
entra;

O rapo fez um
sorriso e falou:

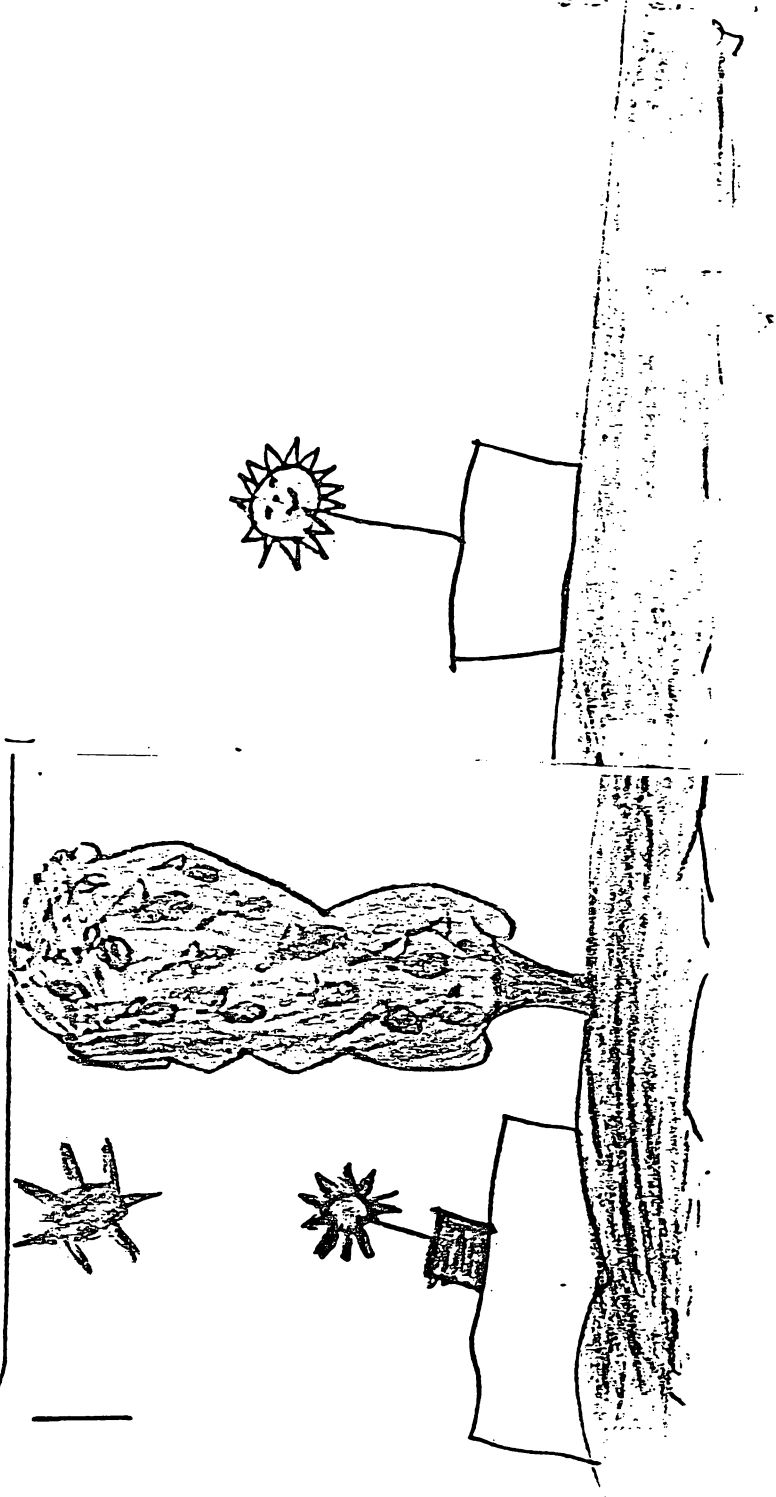
— Contado do javali!



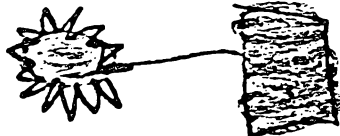
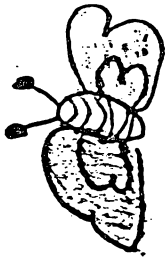
A margarida estare
no jardim.
A margarida estare
no jardim.

autora: Fernanda

de Almeida.



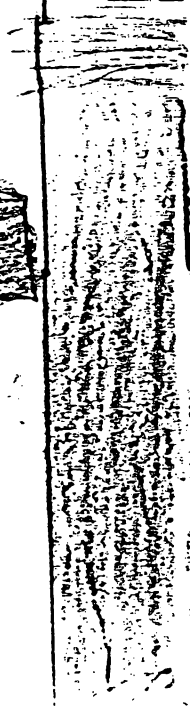
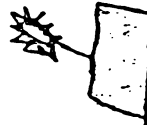
Ela estava passando
muito frio quando
passou a borboleta azul.



A borboleta entrou
pela do quarto de

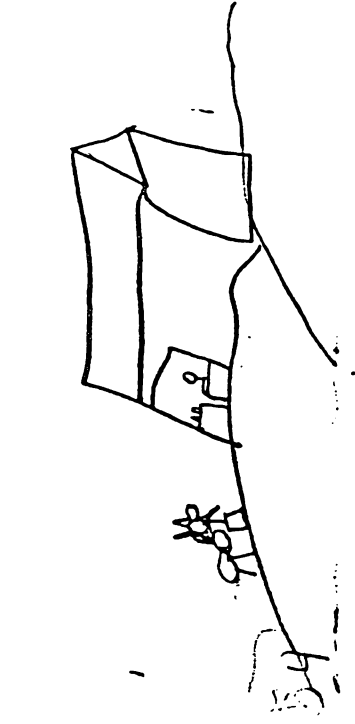
Ana Maria para

contar que a mãe
querida estava com frio.

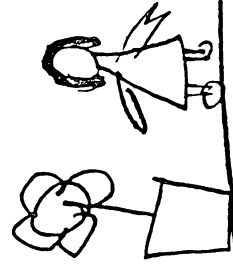
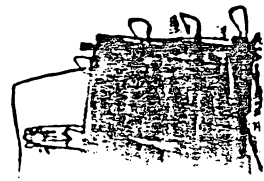


Ana Maria pediu
para o cachorro
Moquequi ir buscar a
margarida para ficar
no quarto junto

a margarida
não parava de
tremex de frio e Ana
Maria colocou o caso
quinho da boneca
nela.

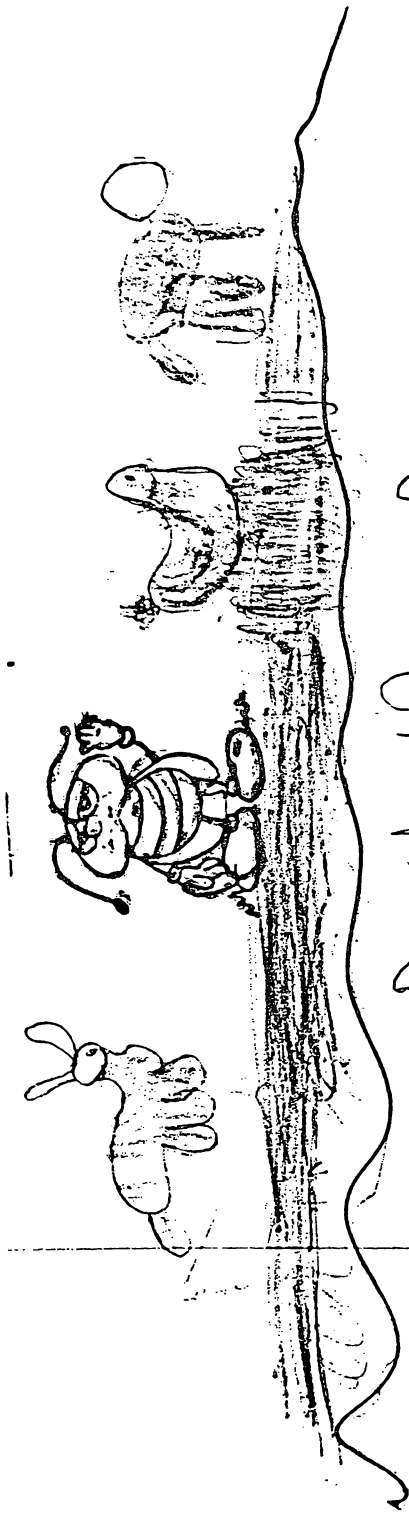


A margarida contou
a a tereza e a cira
! Maria pegou uma
coroa de rapato e
fez uma casinha
para ela.



Ana Maria decidiu
que a margarida não
estava com frio.
Ela queria ganhar
um beijo da menina

ANEXO 04



Mauleon R. d. J. Deu.
a. J. J. J.

mauleon

1888

1888
1888
1888

1888

Ben! U...
Crim...

... ..

... ..

... ..
Dear
... ..

... ..

Uuifscenomesa-

Q ipogelamident progalgo-

O coelho comia cenoura e
daí o piá deu cenoura para ele e
ele morreu.

O coelho comia cenoura e

daí o piá deu cenoura para ele e
ele morreu.

area



apodemes of a nematode
Moulting:

manca



Ena wifuta adawhaya
adawhaya - adawhaya
adawhaya adawhaya
adawhaya adawhaya
adawhaya adawhaya

91 11

Ambrio



Ambrio

Ambriano

Ambriano e compagni

naemethra
aamcaamimethkae

affollon

1. a. homigo

Era jma pta. maletirambua.
wambuletomb; lamborambua.
pembly nout. uskin p
mlentui. ikam p

mbet



at

d'abaratib

Epa. uma
de latimble
a la Rat

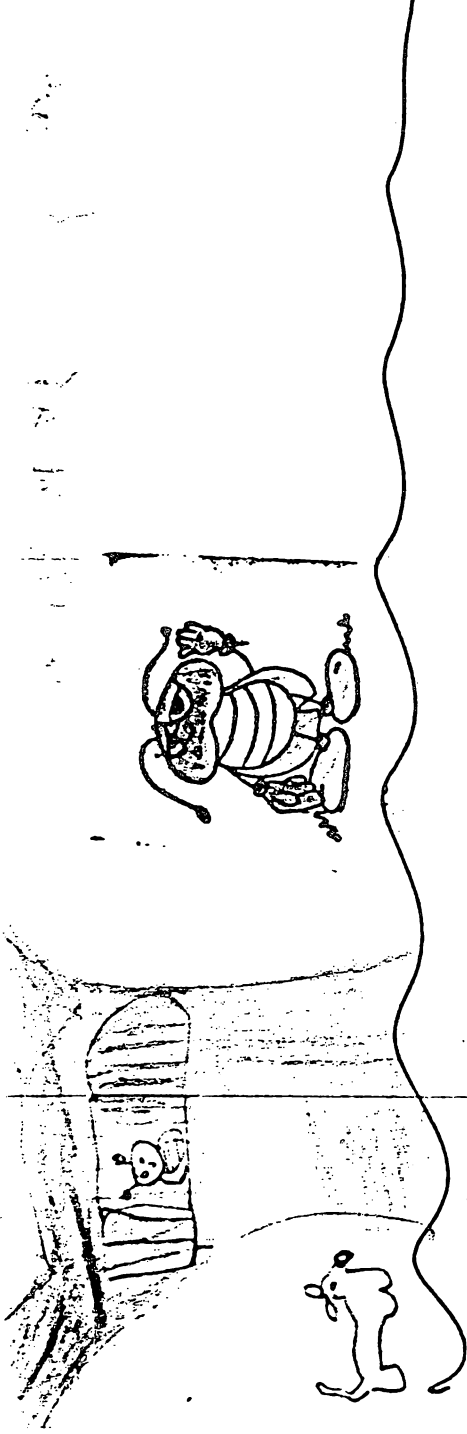
birlei

Escola M. M. Sza da Luz,
Cuitiba, 12 de março de 1990
Hoje quinta - feira

Marcilio Brístal

U gatale carcere
um dia e gato saiu
e o carcere.

Luciano

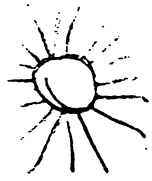


Baratinha donabaratilha travii unalbi

Dona baratinha varreu e achou uma moeda. Ficou feliz para sempre.

Dona baratinha varreu e achou uma moeda. Ficou feliz para sempre.

marcius



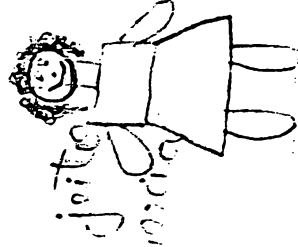
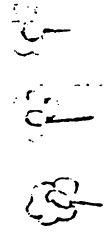
Ela corre sempre mais rápido do que a Maria.

Ela me lembra muito.

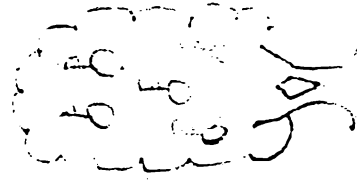
Ela se lembra muito de seu cabelo.

Quando foi do início da dor e quando da
memória e seu cabelo tinha

ficado do jeito. Ela tinha
que ela queria saber mais



de sempre.



sempre.

O Mameco

Era uma vez um mameco chamado Mico.

Ele era muito desanimado.

Ele gostei de Pães e também ele preferia
ser no leite e tudo mais.

Mas tinha horas que ele aborrecer o que
depois e lembrava de sua mãe que sempre
sempre do mico e ele ficava muito triste.

Ela voltou para ele e ele ficou mais
feliz de que era.

feom

Winnie!

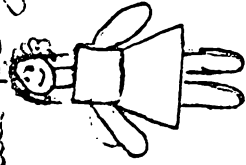
Isabelle.

Era uma vez uma mulher chamada Isabelle.

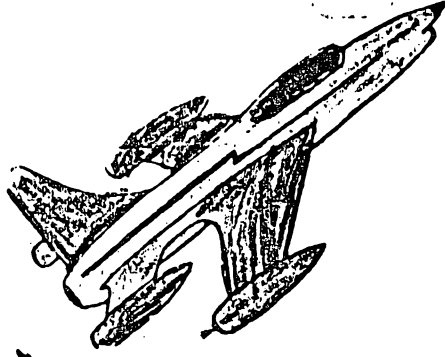
Ela é muito bonita.

Um dia Isabelle foi passear e uns homens pegavam ela e sequestravam.

A sua mãe chorou muito e os policiais tentaram
vã a polícia quando ela foi achada tudo sumiu
ficou feliz porque ela foi achada.



Winnie
Isabelle



O avião.

O avião carregou bastante gente nele e avuçou lá no céu.

Um dia, o avião estorou e pegou fogo.

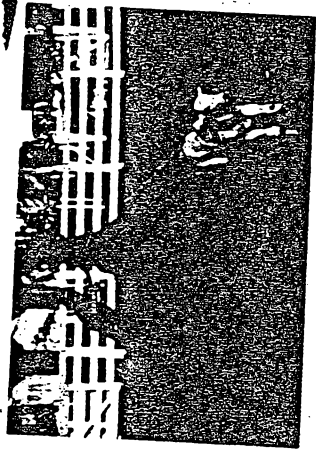


O balão.

O meu pai comprou um balão novo.

Um dia, o balão estorou de noite e a minha mãe foi ver o balão estourado lá no céu.

barbela



19

O radiao

Opini

O papai foi ao radiao e ele assistiu o radiao.

~~Ele foi ao radiao com o pai.~~

E a barba e o dono do radiao ficou triste

E o nome caiu no chao junto com o cabelo

Emerson 11/11

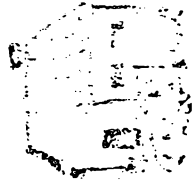
O latimã

Opiniões:

- O latimã é a luta para defender a terra.
- O a migra do latimã e o nome dele é a Robemã.
- O Robemã luta e viveu com latimã.
Regimado.

Don.

Titulo



En un año de los años
que acaba para Juan
Calle de los Indios.

En un año de los años
de los Indios.

de 7 espigas e de papélla.

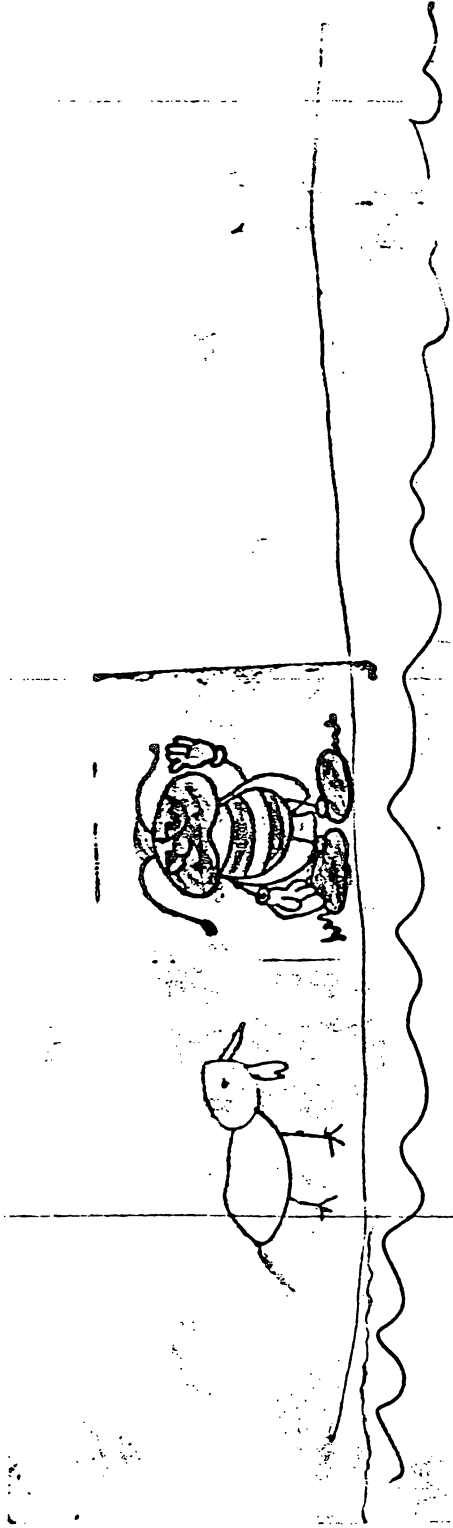
O pipoca de Pipita caiu.

O Pato comeu a pipoca de Pipita.



O Pararicho.

Está uma vez um Pararicho
de tarefa. Vão do Mesiu e de coio
do seu e de pigueroquis e e menino outora.
Stable



Éta uma vez uma leatata que
se enfeitou.

Agora pssim e a barata falou:

Que jeito só é fala?

— Coisa é! —

— Angela

Eu xarei:

ooooooooo!

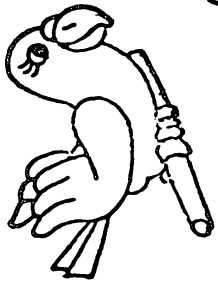
{ a minha mamãe ficou triste.

{ a mamãe tem preso um armário em quebri de xaxi

T-ooooooooo!

EM

au tor-mayon



O papagaio

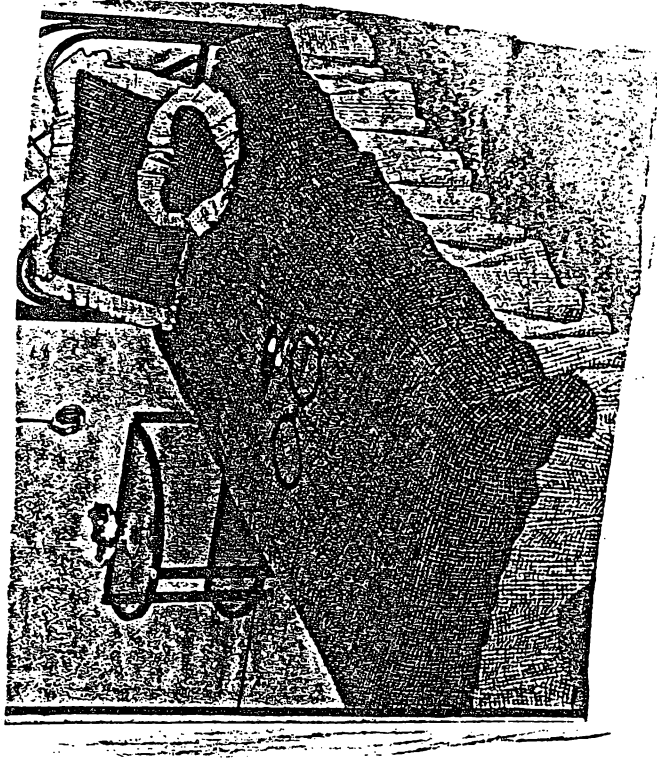
O papi comprou um papagaio.

Ele chamava loro e o dono que era.

O dono do papagaio pediu cinquenta mil reais.

Loro o papagaio e ele comprou o papagaio.

Emerson



Quinta

A cama.

Era um vez uma cama eu dor mais nela e, gosto
dela.
Um dia a minha mãe deu ela para outro gente.

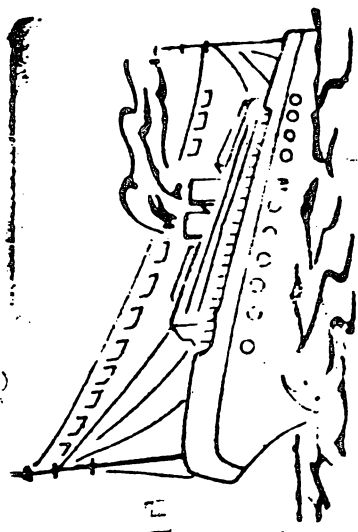
O mar sempre tinha
um marinha

O navio tinha um leão

e ele estava no mar e ele passava
no mar e ele

o nome
dele era

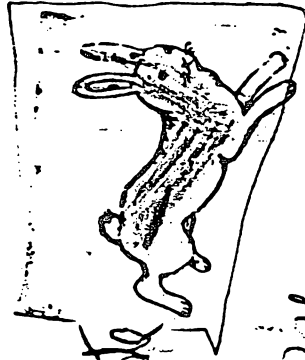
leão e ele
e ele foi



Emerson

O coelhinho da pasqua

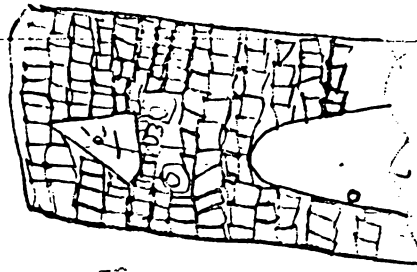
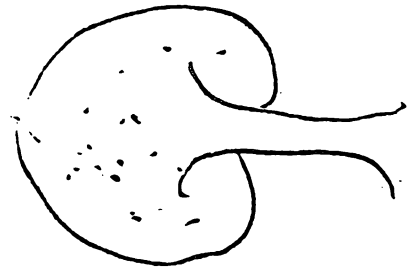
Era uma vez um coelhinho
da pasqua



que se adiverte
a pular

atraz Emerson

Emerson



A deralbaratinha
Era uma baratinha e tamboratinha.
A parceroda derrii fluorata.

todos meozaria.

Fabiana

fabriquant



lelle.

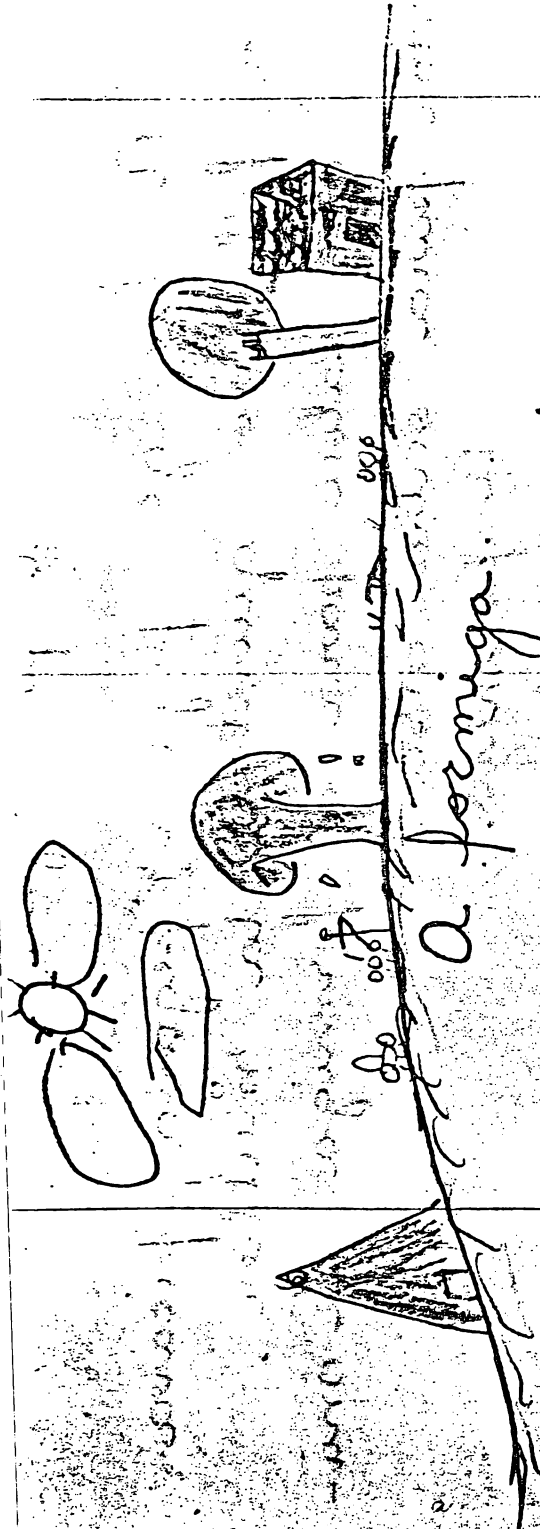
Um dia, o lelle começou a chorar e a mãe
do lelle teve que da mamã para o
lelle e depois o lelle dor min.
FIN

O gato pequeno de casa.

O gato que vem da casa.

O gato foi um dia preso malorácatu.

Fabiana



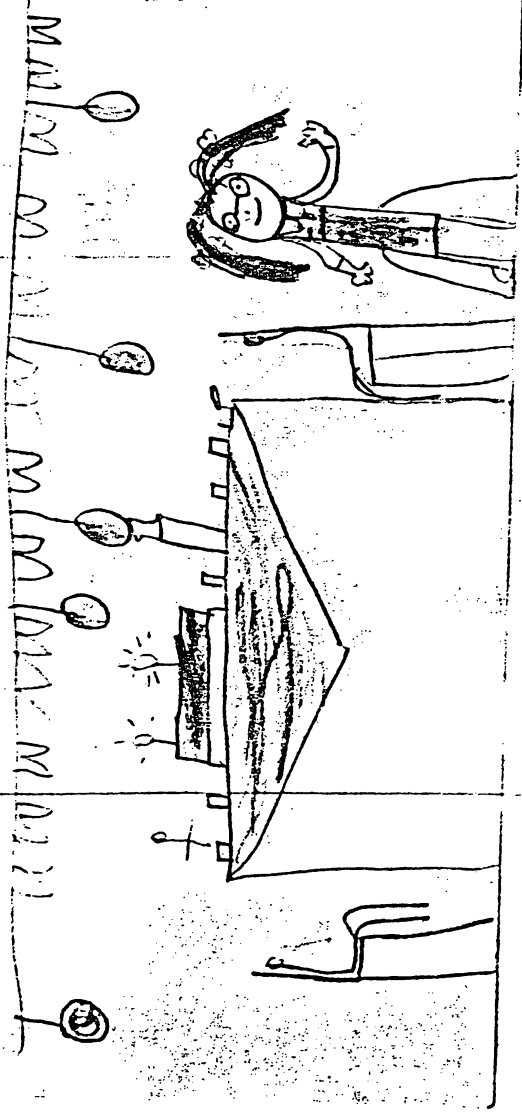
a formiga.

Bejaria pegando picareta afolia do quitau.
 domide falora e la munda para a casa

Fabiana

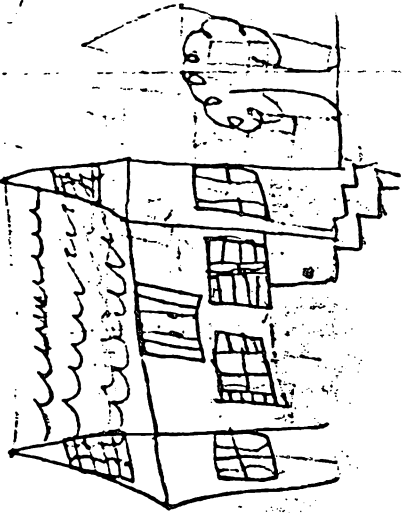
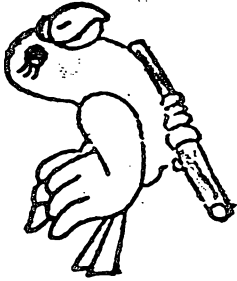
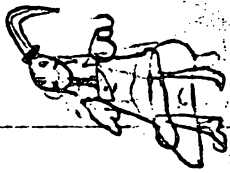
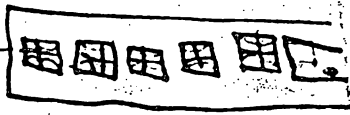
De novo

De novo feio um bolo muito gostoso
para o aniversário!
E todos gostaram do bolo dela.



Fabiana

3 - Escrava uma fusticia.



O papagaio.

Um dia, o papagaio brasileiro ele e travando a lingua para se-cao e dai ja tb) vovaram e dai a familia dele chorou muito. - porque ele morreu inteiro dele foi triste.

Os amigos dele choraram muito.

FIM

Fabiana

A memória.

Um dia, umia menina foi convidar o seu amigo para ir ao parque. a mãe da sua fale.

- João mas não dorme.

Era meia noite. As mãos voltaram os pais ficaram preocupados.

Mais elas voltaram a renderem felis para sempre.

Maria F. de M.

Fabiana.

O formiga e o açúcar

O formiga comia o açúcar.

Ela levou o açúcar para o formigueiro

Os formigas comeram tudo.

Elas ficaram com dor de barriga.

As lanchas atacaram as formiga
Autores 1º-2º